



SÉRGIO RODRIGUES

ELZA, A GAROTA

ROMANCE

A HISTÓRIA DA JOVEM COMUNISTA
QUE O PARTIDO MATOU



Todo início de noite, disse Xerxes, uma brisa salgada vinha da Baía de Guanabara e subia a Rio Branco despenteando árvores, só para nos lembrar que, apesar das aparências e dos esforços de Pereira Passos, o nosso Haussmann, estávamos no Rio e não em Paris. Mas aquela noite a brisa era mais que uma brisa, era quase ventania. Eu já disse que armava chuva. Parada sozinha na porta do cinema, bloqueando o caminho de quem saía, Elza parecia em dúvida sobre que rumo tomar na vida depois da morte daquele macaco. Usava um vestido azul-claro que estalava ao vento. Me reconheceu logo. Sem saber o que fazer depois de ter me apresentado — como Romeu, tive essa presença de espírito — ofereci um cigarro. Eu fumava muito nessa época, sempre daquela marca que o Noel botou num samba, Liberty Ovais. Cigarros caros, um luxo que me concedia: eu nunca disse que era imune aos desvios pequeno-burgueses. Elza recusou meu presente, mas retribuiu mesmo assim com um sorriso que me encheu de felicidade e de pânico. Era um sorriso aberto demais, bonito demais, eu não estava acostumado. Achei que tinha uma chance com ela e tive medo. Minhas pernas tremiam. Enfurnei as duas mãos nos bolsos da calça para disfarçar. Perguntei se ela queria tomar um sorvete na Cavé.

Um sorvete?!

Elza tinha uma voz mais para o grave, harmônica, mas quando ficava excitada com alguma coisa, o que acontecia com frequência, a voz afinava e ela soltava uns guinchos muito engraçados. Disse que nunca tinha tomado sorvete e eu tive certeza que estava rindo da minha cara. Só depois soube que era verdade, Elza nunca tinha tomado sorvete. Seu primeiro sorvete foi comigo.

Se movia feito bicho, com alguma coisa felina na coreografia de braços e pernas. Não era linda, de jeito nenhum. O capitão Davino a chama de linda em seu livro, aquele bandido do Gruber também, mas ela não era linda. Era uma graça, mas tinha traços apenas normais, agradáveis. Uma menina morena como tantas. Mas Elza não era tantas: era única. Só quem a conheceu pode entender. Subindo a Rio Branco, eu ia flutuando na consciência morna dos olhares masculinos que a seguiam com cobiça, e em algum momento, inevitavelmente, acabavam por ricochetear em mim com inveja.

Eu nunca tinha entrado na Cavé. A confeitaria fundada em 1890 era elegante demais, com seus vitrais franceses e seus fregueses de nariz em pé, *soirées* e ternos de corte inglês. Aquilo não era para mim. Nem para

Elza, com seu vestidinho azul-bebê e seus sapatos baixos que começavam a desbeijar nas pontas. Mas quem se sentiu desconfortável lá dentro, numa mesinha de canto, fui eu. Casmurro, tentando interceptar com o rabo do olho possíveis olhares de reprovação à nossa presença, eu lamentava estar usando meu terno cinza ordinário, em vez do preto mais alinhado que reservava para ocasiões especiais. Mas como eu podia saber que aquele sábado seria o mais especial da minha vida? Elza estava alheia a tudo isso, era pura felicidade, uma excitação de criança. Falando alto, alto demais para os padrões exagerados de discricção ditados pelo meu constrangimento, perguntou se era verdade que os sorvetes eram feitos de neve, e, se era, como faziam para arranjar neve no Rio de Janeiro, importavam da Suíça, dos Estados Unidos da América? E não derretia na viagem de navio? Foi a primeira vez que tive um vislumbre da impressionante, da quase milagrosa inconsciência de classe daquela menina. Dava vontade de pegar no colo, ninar. De assaltar por trás, morder a nuca e, ao mesmo tempo, proteger. Eu estava um pouco zozzo, parecia que os lustres rebuscados da Cavé brilhavam excessivamente, com uma luminosidade intrusiva. Elza escolheu uma taça de sabor baunilha, uma coisa elaborada em forma de pirâmide, com decoração de *éclairs* recheados de doce de leite e *wafers* finíssimos representando borboletas. Nem consultou o cardápio, apontou para a mesa ao lado e disse: Quero igual. Mentalmente, subtraí do dinheiro que tinha no bolso o preço do sorvete extravagante — mal sobrava para o bonde. Aleguei uma indisposição estomacal, o que era apenas meia mentira, para pedir só água.

Não sabendo o que dizer, enquanto ela tratava de erodir sua pirâmide com colheradas vorazes, calculei que a namorada de um dirigente comunista tão graduado devia estar habituada a debates teóricos cabeludos, e louco para impressioná-la comecei, em voz baixa, a recitar tudo o que me lembrava de um artigo que tinha lido há pouco tempo na *Classe Operária* sobre grupos imperialistas em luta no Brasil: Standard Oil e Anglo-American na área de petróleo, Chargeurs Réunis e Mala Real Inglesa na navegação, os exportadores de café de Santos contra a São Paulo Railway, ingleses, americanos e até japoneses, a essa altura entrando no país com força total, se digladiando em São Paulo pelo domínio do café e do algodão enquanto ingleses, americanos e franceses lutavam pelo cacau da Bahia. E blablablablá. Elza me olhava em silêncio, com a boca suja de sorvete. Interpretei seu mutismo como aprovação à minha cultura revolucionária e, me incli-

nando para a frente na mesa, baixei a voz ainda mais: Diante desse quadro, eu disse, é evidente que Getúlio está mais perdido que bússola sem ímã. Veja o decreto do mil-réis ouro, por exemplo, fere os interesses ingleses, e fere profundamente. Ao mesmo tempo o monopólio do câmbio favorece os ingleses e americanos e prejudica os franceses. O homem não sabe para onde ir. Tenta ir para todos os lados ao mesmo tempo, isto é, todos menos o lado dos verdadeiros interesses do povo brasileiro. Não lhe parece que seja assim?

Elza segurou a colher a meio caminho da boca, inclinou a cabeça um pouco de lado e disse: Se você diz... Mas o que é bússola?

O velho teve um acesso de riso tão escandaloso que a cabeça de Maria assomou na porta da cozinha.

Pois é, meu filho: Elza não sabia nada. Nada de nada. Ou melhor, sabia fazer sabão com cinza, sabia passar roupa à perfeição com ferros cheios de brasa, sem deixar a roupa queimar ou a fuligem sujar o tecido, sabia um monte dessas coisas que as mulheres trabalhadoras do seu tempo eram obrigadas a saber. Era filha de um operário da Light e tinha oito irmãos, me contou. Vinha de uma cidade que na época costumava ser chamada de Manchester Paulista, uma Sorocaba de concentração proletária maior que muitos grandes centros. Mas não tinha verniz nenhum, nenhuma cultura política e muito menos familiaridade com os luxos pequeno-burgueses que àquela altura o rádio e principalmente o cinema começavam a enfiar na cabeça de todo mundo, ricos e pobres: sabonete Gessy Lever, o sabonete das estrelas, e toda essa porcariada. Estávamos bem no começo da avalanche de mercadorias que hoje soterrou tudo, e Elza olhava aquilo com curiosidade, mas sem entender direito o que se passava. Faltava a ela o referencial mínimo. Para começar, era analfabeta. Adorava ir ao cinema, achava Greta Garbo a mulher mais deslumbrante do mundo, mas me confessou com a maior candura que não entendia uma palavra do que era dito na tela. As legendas tinham tanto sentido para ela quanto as manchetes dos jornais e os cardápios dos restaurantes — e a era da dublagem, infelizmente, ela não ia viver o bastante para pegar. Os filmes eram um prazer pequeno-burguês, ela disse, citando Bangu, grande amigo de Miranda. Um produto do imperialismo dos Estados Unidos da América. Mas Elza não ligava para isso nem para o fato de não entender nada, ficava meses sonhando com algumas cenas, certos detalhes, Garbo se olhando no espelho, o penteado de Claudette Colbert, que acreditava ser parecido com o seu. Às vezes achava

até bom não entender o que as pessoas na tela diziam, assim podia imaginar só coisas bonitas.

Tudo isso Elza foi me contando enquanto passeávamos a esmo pelo centro do Rio, aquela noite de sábado, depois que saímos da Cavé. Foi dela a iniciativa de enganchar o braço direito no meu esquerdo, numa intimidade que eu não forcei, mas recebi como uma bênção. Eu não sentia mais medo. A chuva prometida acabou não vindo, e a certa altura a capa de chumbo das nuvens se rasgou magicamente, silenciosamente, de alto a baixo, bem no ponto em que brilhava uma lua quase cheia no céu cinza-claro. Elza então se aconchegou mais a mim, apoiou a cabeça em meu braço e perguntou se eu podia ensiná-la a ler e escrever, porque Miranda, que estava tentando fazer isso, aliás com a maior paciência, burrinha e cabeça-dura que ela era, Miranda a abandonara, e agora ela não sabia mais o que ia ser da sua vida. Chegávamos ao Passeio Público, e em meio ao burburinho das ondas se quebrando contra as pedras ouvi Elza fungar. Acariciei sua moita de cabelos revoltos com a mão livre e a conduzi ao banco mais próximo. Lágrimas descendo, ela sorria encabulada: Sou boba, não liga. Meu coração inchou e quando dei por mim estava bebendo as lágrimas de Elza, uma menina, mas ela não era mais a namorada do Miranda, que felicidade, o futuro era bom, era bom demais o futuro. E naquele momento, em meio aos beijos mais inesquecíveis da minha vida, eu prometi a ela tudo, alfabetizar, amar, e nunca nunca nunca deixar que nada de mal lhe acontecesse nunca.